

CADERNO DE RESUMOS



De Historiografia

Linguística

2017

Panorama da Linguística no Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas do DEDC – X: perspectiva de formação docente

Adenilton da Silva Rocha (UNEB)

No presente estudo é discorrida a presença da Linguística na formação do professor de Língua Portuguesa, mediante a perspectiva da Historiografia Linguística. Nesta pesquisa, definiu-se como objetivo principal investigar como a Linguística se desenvolve no Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia / Campus – X, observando a contribuição da mesma na formação do professor de Língua Portuguesa. Para tanto, os corpora foram constituídos pelo Projeto de Reconhecimento de Curso (UNEB, 2012a) e um questionário contendo cinco questões, sendo respondido por oito docentes. Este trabalho configurou-se numa pesquisa documental e de campo, cuja abordagem foi qualitativa. Para a confecção do estudo, foram relevantes os estudos, entre outros, de Altman (2003) e Swiggers (2005), no tocante à Historiografia Linguística; Nóvoa (1992) e Waldhelm (2012), que versam sobre a formação e a constituição profissional; Ilari (1995) e Oliveira (2006), no que dizem respeito à contribuição da Linguística na formação docente. Com base nas análises, observou-se que o desenvolvimento da Linguística, no Curso, ocorre a partir de quatorze disciplinas, que envolvem conteúdos relacionados à história, constituição e à formação da Língua Portuguesa, capacitando teoricamente o futuro professor para exercer com proficiência o ensino de Língua Portuguesa, articulando-o a pesquisa científica. Também, constatou-se que as atividades e metodologias sugeridas pelos docentes contemplam, prioritariamente, trabalhos de pesquisa, o que propicia a aplicabilidade dos saberes linguísticos à prática. Ademais, verificou-se que a formação dos docentes de Linguística favoreceu a ampliação de novas perspectivas de estudos linguísticos; bem como foram criados eventos e são desenvolvidos projetos de pesquisa e extensão vinculados à área da Linguística, no Curso. Por fim, através da perspectiva da Historiografia Linguística, apresentou-se um panorama da Linguística no DEDC – X, propiciando refletir e avaliar à perspectiva de formação ofertada no referido Curso.

Palavras-chave: Formação Docente. Historiografia Linguística. Língua Portuguesa. Linguística.

As polêmicas linguísticas no fim do século XIX e início do XX

Adriana Manolio (PUC-SP)

Este trabalho situa-se na linha de pesquisa da História das Ideias Linguísticas e trata das polêmicas travadas em torno da língua nacional entre o final do século XIX e o início do XX. Objetiva-se neste estudo entender por que ocorreram tantas polêmicas nesse período, bem como qual sua importância para a constituição da identidade nacional. Conforme afirma Auroux (2009), a emergência de uma consciência nacional, por meio do purismo e da exaltação da identidade nacional, com seu acompanhamento de constituição/preservação de um corpus literário, é uma das causas que agem sobre o desenvolvimento dos saberes linguísticos. Essa época caracteriza-se por profundas mudanças sociais e políticas com a transição do fim da monarquia e o nascimento da república brasileira. O ambiente cultural do Brasil reflete esse contexto, marcado por discussões públicas em torno de questões da língua nacional. Constata-se, dessa maneira, a influência da formação da identidade nacional brasileira refletida na prática linguística. A escolha deste tema, portanto, justifica-se pelo fato de essas polêmicas terem contribuído para o debate acerca de um saber linguístico brasileiro que não fosse somente o reflexo do saber de Portugal. Assim, neste trabalho, traça-se inicialmente uma breve contextualização histórica do período, e, em seguida, são discutidas algumas das principais polêmicas ocorridas entre o final do século XIX e início do XX. Conclui-se que esses debates serviram para reafirmar a importância que a língua exerceu como instrumento de identidade cultural do Brasil, fruto do momento histórico que afetou a jovem nação brasileira.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas. Língua Nacional. Polêmicas linguísticas.

Análise e descrição da mudança de status do latim em gramáticas de língua portuguesa do século XIX (1850-1900)

Alessandro Beccari (Unesp – Assis)

Resumo: Esta comunicação apresenta um projeto que tem como objetivo geral uma primeira abordagem de fontes documentais que tragam pistas para a explicação da mudança de status do latim em gramáticas da língua portuguesa do séc. XIX (1850-1900). Assume-se como hipótese de trabalho que o latim clássico deixou de ser uma língua-modelo para o português escrito e passou a representar um objeto privilegiado de pesquisas a respeito da história do português. Parte-se também de uma segunda hipótese, mais contextual: essa mudança ocorre em determinado momento histórico em que o latim e o grego clássico deixavam de ter importância prioritária para a formação do indivíduo culto. Uma das consequências dessa mudança seria uma alteração na maneira como as línguas clássicas passavam a ser estudadas, do ponto de vista das gramáticas, assumindo um papel mais restrito, por exemplo, limitado a explicações diacrônicas da origem de alguns fenômenos do português. Ademais, almeja-se verificar se essas mudanças implicaram em uma ruptura nos estudos do latim e do português, a saber: se preocupações sintáticas que diziam respeito ao latim, até as primeiras décadas do séc. XIX, deram lugar, a partir de meados do mesmo século, a uma ênfase maior em fenômenos evolutivos. Como objetivo específico deste projeto, pretende-se um levantamento de um corpus, a saber, um conjunto representativo de gramáticas do português, utilizadas no Brasil entre 1850 e 1900, que possa dar respaldo ou não à hipótese de uma mudança de status do latim clássico nesse período. A partir do levantamento desse corpus, serão confeccionadas fichas descritivas nos moldes do projeto "Documenta Grammaticae et Historiae. Projeto de Documentação Linguística e Historiográfica" (ALTMAN, 2009). O quadro teórico-metodológico escolhido para esta pesquisa é a Historiografia Linguística (HoL).

Palavras-chave: Historiografia Linguística. Gramática da Língua Portuguesa. Séc. XIX. Status do Latim.

Semiótica da história em quadrinhos: um estudo sobre a produção acadêmica brasileira

Amanda Helena Granado (Unesp – Araraquara)

A referente pesquisa teve o objetivo de inventariar e analisar metodologias de análise semiótica aplicadas ao estudo da história em quadrinhos (HQ) para estabelecer o estado de arte desse objeto verbo-visual no âmbito da semiótica contemporânea. A pesquisa se dedicou a observar de que modo vem despontando, enquanto referência para os estudos das HQs, tanto a semiótica norte-americana quanto a europeia. Em seguida, a pesquisa se debruçou sobre trabalhos que utilizaram os pressupostos da semiótica discursiva sugerida pela tradição semiótica francesa, pois em sua vertente semiológica, desde 1960, e em sua vertente semiótica discursiva, desde 1980, vem contemplando a HQ enquanto objeto. Recursos teóricos concebidos pelos semioticistas franceses Claude Zilberberg e Jacques Fontanille foram relevantes, como a semiótica tensiva aliada ao quadrado semiótico greimasiano e os pressupostos acerca das representações icônicas. O corpus da pesquisa compreendeu artigos, monografias, TCC, dissertações e teses publicadas nas revistas Casa, Estudos Semióticos, Galáxia e Significação, e artigos da UNESP, UNICAMP e USP. Foram selecionadas obras que utilizam conceitos da semiótica geral, compreendendo a tradição francesa, americana e russa. Na segunda etapa, comprometemos aos estudos sobre HQ da tradição semiótica francesa. No que diz respeito ao trabalho documental, utilizamos a visita a acervos especializados e buscas na internet. No levantamento, constatamos um total de, apenas, 8 artigos que abarcam HQ e semiótica; nas universidades, 10 trabalhos sobre HQs e semiótica foram defendidos entre 1996 e 2015. No entanto, mesmo que retraída, a semiótica das HQs no Brasil se mostra sempre em construção. Constatamos que, atualmente, as pesquisas de Antônio Vicente Pietroforte renovam o interesse pelos quadrinhos por arte dos semioticistas. Seus estudos apresentam o conceito de missividade e componentes tensivos de C. Zilberberg, integrando contribuições que reformulam modelos de análise semiótica de objetos verbo-visuais acerca da sequencialidade e compõem um percurso notável para a ciência.

Palavras-chave: semiótica; historiografia; história em quadrinhos.

Para uma tradução e análise comentada de excertos das cartas da missão jesuítica no Japão: contexto intelectual, educação, aspectos linguísticos

Amanda Mimoso Rodrigues Coelho (Unesp – Assis)

Este painel apresenta um projeto que tem como objetivo constituir-se em uma primeira abordagem do período em que o Japão recebeu as primeiras influências linguísticas dos missionários jesuítas em seu território sob a forma, por exemplo, de empréstimos lexicais, alterações no sistema de escrita, neologismos, gramáticas, dicionários, traduções de clássicos gregos e latinos e da Bíblia para a língua nipônica. Esse momento histórico foi registrado e documentado pelos missionários jesuítas por meio de cartas que eram encaminhadas a Sede da Companhia de Jesus, em Roma, e que foram originalmente escritas em latim. Essas cartas contêm registros da atuação dos missionários no arquipélago japonês, expondo as dificuldades que enfrentaram no território, os modos e os meios para catequizar e converter os nipônicos, a influência linguística mútua e as estratégias utilizadas por eles para que as missões fossem estabelecidas com sucesso. Este projeto tem como objetivo específico, inicialmente, mapear essas informações nesses documentos, a partir dos prefácios e dos subtítulos marginais, à procura de: 1) relatos que façam menção à religião, educação e sistemas filosóficos dos nipônicos; 2) informações sobre como era o ensino da religião cristã do ponto de vista da adaptação dos itens que representavam conceitos religiosos e/ou filosóficos; 3) possíveis observações e/ou discussões sobre línguas aparentemente muito diferentes, como o latim e o japonês; 4) formas como os missionários atuaram diante das dificuldades na comunicação; 5) a importância duradoura que o ensino jesuíta teve na língua e na cultura nipônicas. Nesta pesquisa são adotadas as principais categorias de análise da Historiografia Linguística, a saber: os princípios de contextualização, imanência e adequação de Koerner (1996); o conceito de horizonte de retrospectão de Auroux (1992); os conceitos de capas (capa teórica, capa técnica, capa documental, capa contextual) de Swiggers (2004, 2011, 2013). Os referenciais teóricos para o contexto intelectual referente às cartas são oriundos de: Boxer (1969, 2007), Saito (2015), Tanaka (2014). O material epihistoriográfico da pesquisa está em algumas das epístolas da obra *Epistolae Iapanicae*, originalmente escritas em latim e impressas no ano de 1569, atualmente disponível no acervo digital da Biblioteca da Universidade de Sofia (Tóquio).

Palavras-chave: Japão; Jesuítas; Historiografia Linguística

Uma história serial da gramaticografia brasileira oitocentista de língua portuguesa

Bruna Soares Polachini (USP – CEDOCH)

Nesta comunicação, apresentamos nossa tentativa de realizar uma nova revisão da produção gramatical de língua portuguesa no Brasil do século XIX dada nossa descoberta heurística, isto é, o grande número de gramáticas dessa tradição de que tivemos conhecimento, por meio de fontes secundárias e catálogos de bibliotecas, a saber: 127 títulos e 73 reedições, as quais muitas vezes não eram apresentadas em outras revisões do mesmo período (como, por exemplo, Maciel, 1910; Nascentes, 1939; Castilho, 1962; Elia, 1975; Cavaliere, 2001; Azevedo Filho, 2002; Parreira, 2011; Polachini, 2013). Ademais, procuramos também expor uma metodologia específica para lidar com dados externos: a história serial. Isso porque, em muitos casos, tínhamos apenas as informações catalográficas dessas obras, como título, subtítulo, data e local de publicação. A história serial é realizada por meio da análise de unidades homogêneas em série, observando mudanças que ocorrem nelas ao longo do tempo; a partir dessas mudanças é possível chegar a eventos (cf. Furet 1992). Articular tais mudanças na série de dados a interpretações mais amplas é algo posterior, que está além da história serial. Metodologicamente, primeiramente, tomamos as informações acerca das 200 gramáticas (como título, subtítulo, ano e local de publicação), considerando-as como unidades, a fim de observá-las em série e, posteriormente, fizemos cruzamentos de unidades, com base em um questionário, dos resultados obtidos acerca de tais unidades, chegando, enfim, às respostas das questões, a saber: Quantas das gramáticas tiveram reedições? Qual era a ‘data de validade’ dessas gramáticas, considerando suas reedições? Quantas gramáticas foram publicadas em cada província/estado? Em que províncias/estados a publicação de gramáticas é mais frequente em cada década? Por quais casas impressoras as gramáticas são publicadas em cada região e período? Que títulos e tipo de títulos e de subtítulos eram usados? Qual é o público-alvo das gramáticas? O público-alvo estava relacionado ao título?

Palavras-chave: História Serial; Gramáticas Brasileiras; Século XIX

Desafios na Leitura do *Mémoire* de Saussure

Edgard Bikelis (USP – CEDOCH)

Propomos, nesta comunicação, apresentar reflexões sobre nossa pesquisa sobre o *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes*, publicado em 1878 por Ferdinand de Saussure (1857-1913). Saussure é especialmente conhecido como o autor do Curso de Linguística Geral de 1916, obra vista, pelas gerações que o sucederam, tanto como a fundadora tanto do chamado ‘estruturalismo’ linguístico, como também da Linguística contemporânea (SANDERS 2004:2). Em vida, no entanto, seu reconhecimento se deu em grande parte pela publicação do *Mémoire*, como pode-se averiguar, por exemplo, no prefácio anônimo do volume de 1908 dos *Mélanges* da Société Linguistique de Paris, inteiro dedicado a Saussure, em que se agradece pelas contribuições “[d]os linguistas eminentes [...] que aceitaram unir suas homenagens àquelas dos antigos alunos do autor do *Mémoire* [...]”. Abordaremos os desafios que há na leitura e compreensão do Saussure do *Mémoire*, mormente sobre as particularidades do gênero de escrita de que esta obra faz parte, o que se soi hoje chamar de Linguística Indoeuropeia, tanto no desenvolvimento do argumento, como na técnica da comparação de línguas, e nos termos técnicos que Saussure empregou ao longo da obra, alguns cunhados por ele próprio. Para tanto, valer-nos-emos da metodologia da Historiografia Linguística, à luz da obra de Koerner (1996, 1999, 2014) e Swiggers (2005, 2009, 2011, 2012, 2013), especialmente do conceito de ‘capas’ apresentado em Swiggers (2005).

Palavras-chave: Saussure, Linguística Indo-Europeia, *Mémoire*, Historiografia Linguística, Diacronia

Considerações preliminares da dimensão externa para a construção de uma historiografia do ensino da linguística no Brasil

Ênio Sugiyama Junior (USP – CEDOCH)

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns dos resultados parciais de nossa pesquisa, na qual nos propusemos a produzir uma historiografia sobre o ensino da disciplina Linguística nas universidades brasileiras entre 1962, período de implantação da disciplina, até os anos 2010, período de expansão da rede federal de ensino superior, procurando delinear os contornos do processo de consolidação da disciplina e as possíveis implicações deste processo na produção do conhecimento linguístico. Em especial, explorar como os aspectos da dimensão externa (Koerner, 1996, 1999 e 2014) podem servir como balizas para o desenvolvimento metodológico desta historiografia. Adotamos a perspectiva da historiográfica defendida por Robins (1990) e Swiggers (1990). Optamos por considerar os cursos de graduação em Linguística das universidades públicas e os cursos de Letras e programas de pós-graduação em Linguística das universidades federais, realizando o levantamento de documentos sobre esses cursos por meio de plataformas oficiais como o sistema e-mec e a plataforma sucupira, além dos sites das próprias universidades. Tomamos como ponto de partida o trabalho de Altman (1998) que, ao realizar uma historiografia da produção linguística brasileira do período compreendido entre 1968 e 1988, mostra como o surgimento da Linguística enquanto disciplina autônoma provocou mudanças relacionadas tanto aos modos de produção de conhecimento sobre a linguagem quanto com relação a organização acadêmica e profissional. Levando em consideração o contexto da emergência deste grupo de especialidade, acredita-se que uma investigação sobre o ensino de linguística nas universidades brasileiras permitirá produzir uma historiografia da forma como a disciplina foi se consolidando como área importante da produção do conhecimento linguístico. Até o momento, pode-se observar que elementos da dimensão externa como a expansão do número de cursos de graduação e programas de pós-graduação contribuem para a consolidação da disciplina.

Palavras-chave: Linguística brasileira, ensino de linguística, historiografia linguística

A constituição da virada pragmática no ensino de língua portuguesa: apontamentos para uma compreensão historiográfica

Francisco Eduardo Vieira (UFPB) / Leonardo Gueiros (UFPE)

Este trabalho objetiva analisar como se deu, no cenário brasileiro, a partir da década de 1980, a constituição da virada pragmática no ensino de língua portuguesa. Lançaremos o olhar para alguns “textos de ação” (SWIGGERS, 2013) que, no nosso entender, em paralelo a outras condições atreladas ao clima de opinião de então, motivaram o surgimento de um “grupo de especialidade” (MURRAY, 1994) e condicionaram a construção do discurso da virada no ensino de português no Brasil. Para tanto, partimos dos pressupostos teórico-metodológicos da Historiografia da Linguística, que busca compreender como o conhecimento sobre a linguagem foi adquirido, interpretado, legitimado ou deslegitimado num determinado tempo e espaço (KOERNER, 1995; SWIGGERS, 2010; ALTMAN, 2012). Os textos de ação analisados são: a coletânea multiautoral “O texto na sala de aula”, organizada por João Wanderley Geraldi (1984); a coletânea de artigos “A linguística e o ensino da língua portuguesa”, de Rodolfo Ilari (1985); e o livro “Linguagem e escola: uma perspectiva social”, de Magda Soares (1986). O tratamento desse corpus está submetido aos princípios de contextualização, imanência e adequação, propostos por Koerner (1995). A escolha das obras se justifica pela importância desses textos para a divulgação de ideias que determinariam o início de uma mudança de paradigma no ensino de língua portuguesa e pela influência que seus autores, enquanto “lideranças intelectuais”, tomando o termo de Murray (1994), exerceram no cenário acadêmico a partir da década de 1980. As análises apontam que esses textos de ação, embora configurem diferentes narrativas com propósitos gerais particulares, criaram condições para a constituição do discurso da virada no ensino de português, uma vez que desnudaram uma série de contradições e insuficiências conceituais e metodológicas próprias do caráter historicamente beletista da escola brasileira e do ensino centrado na gramática tradicional e normativa.

Palavras-chave: Historiografia da Linguística. Virada pragmática. Ensino de português.

Recensões bibliográficas na caracterização da produção dos estudos linguísticos no Brasil: Mattoso, Naro e Altman

Francisvaldo Lourenço da Silva (USP)

A caracterização dos estudos linguísticos no Brasil tem sido um desafio constante, dadas a recente institucionalização destes estudos, a permanência da questão da periodização e a diversidade de teorizações acerca da linguagem que tem ocupado os espaços acadêmicos. De modo a propor um instrumental teórico para lidar com esta dificuldade analiso neste trabalho três ensaios bibliográficos, a saber, Câmara Jr. (1966), Naro (1976) e Altman (1997), a partir das concepções de ciência, sistemas científicos e disciplinas presentes em Auroux (1986, 1988, 2006, 2008). Destes, o conceito que mais interessa aqui é o de sistemas científicos, entendidos como “as atividades e os produtos científicos realizados por homens que vivem e trabalham em circunstâncias determinadas” (AUROUX, 1986). Emerge dos ensaios objeto desta análise a presença de dois sistemas científicos no contexto brasileiro: o filológico e o linguístico; insinua-se, também, um terceiro: o estruturalista. A análise pretende dar conta da representação que se tem feito destes sistemas a partir do trabalho de recenseamento e de crítica realizado pelos autores dos ensaios; bem como, contribuir para uma justa caracterização do pensamento linguístico brasileiro a partir dos traços que marcam um sistema científico: as atividades que lhe são inerentes e os produtos científicos que trazem a lume.

Palavras-chave: Estudos linguísticos; sistemas científicos; História das Ideias Linguísticas

Entre os manuais didáticos e os trabalhos dialetológicos: bases para a formação do pensamento linguístico brasileiro (1900-1940)

José Bento Cardoso Vidal Neto (USP – CEDOCH)

Esta comunicação apresentará aspectos relevantes da pesquisa de doutorado que por nós vem sendo desenvolvida desde o início de 2016. Tal estudo tem como objetivo analisar, dentro da história da linguística brasileira, o período compreendido entre 1900 e 1940, o qual foi denominado por Blikstein (1976) de “2ª parte do período de autodidatismo”. Este período antecede a institucionalização dos estudos da linguagem, que se dá com a fundação das primeiras universidades brasileiras e mais especificamente com a criação dos cursos superiores de Letras. Justifica-se a escolha deste período, bem como a proposição do presente trabalho, pelo fato de julgarmos que foi justamente nas quatro primeiras décadas do século XX que houve uma mudança de status quanto ao papel que o compêndio gramatical desempenhava: por hipótese, parece ter havido a perda da primazia do compêndio gramatical como local privilegiado para as discussões a respeito da língua, em especial a portuguesa. Esta perda (ou ao menos a disputa) se dá em relação a outros tipos de produção, como as teses produzidas para concursos de cátedra nos colégios mais prestigiados das grandes cidades, livros ou opúsculos de caráter monográfico, ensaios sobre questões pontuais da língua, colunas e artigos em jornais e revistas, entre outros. Nossa hipótese central é que esta movimentação entre a gramática e os demais tipos de produção acerca da língua impactou de forma significativa a formação do pensamento linguístico brasileiro. Para testarmos nossa hipótese e considerando os materiais que compõem as fontes, analisaremos o fenômeno apontado na obra de Antenor Nascentes, em livros como o didático *O idioma nacional* (5 volumes) (1926-1929) e o dialetológico *O linguajar carioca* (1922). Finalmente, para a análise do corpus, lançaremos mão do modelo de capas proposto por Swiggers (2004), principalmente por entendermos ser uma ferramenta importante para analisarmos os processos de continuidade e ruptura pelos quais passaram os estudos sobre a língua portuguesa no Brasil.

Palavras-chave: Historiografia linguística, gramática brasileira, pensamento linguístico brasileiro, dialetologia, manuais didáticos

Contribuições da Linguística ao Ensino de Língua Portuguesa (L1) no Brasil

Josuel Pereira dos Santos (USP)

O presente trabalho se propõe a verificar as contribuições da Linguística como tecnologias para o ensino de língua portuguesa (L1) no Brasil. Em Swiggers (2011) encontramos as motivações para tratar tal objeto. Na definição do campo, o autor define a Historiografia enquanto estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico, e, no meu interesse particular, pretendo investigar o quanto dessas evoluções do conhecimento linguístico se transformaram em tecnologia de ensino de L1 no Brasil. Para tanto, procurarei manter correspondência com os princípios metodológicos de Swiggers. O movimento dessa aplicação se dará em dois níveis: no primeiro nível, procurarei, a partir de uma contextualização do presente, entender o “Problema atual no Ensino de Português como L1 no Brasil”. Para a captação e compreensão desse problema, no primeiro nível de análise, proponho verificar quais as prerrogativas oficiais para com o professor de língua portuguesa do ensino fundamental II e médio no último concurso da Secretaria Municipal de Educação (SME) da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP). O recorte para essa primeira análise foi feito sobre o Edital 01/2016 – Concurso de Ingresso a Cargo Efetivo de Professor de Ensino Fundamental II e Médio-Português – SME-PMSP, mais especificamente, a bibliografia básica exigida ao candidato de Língua Portuguesa, na qual encontramos a referência bibliográfica do artigo de divulgação científica “Ensino de Língua Portuguesa: uma visão histórica” (Clare, 2002). O segundo nível de análise que propomos é a verticalização no artigo citado, numa proposta meta-historiográfica, na hipótese de flagrar, no texto, as continuidades e discontinuidades que enfrenta o ensino de L1 no Brasil desde que a Linguística fora instituída como disciplina obrigatória nas Faculdades de Letras.

Palavras-chave: Ensino, Retórica, Linguística, Continuidades e Descontinuidades

Formas de recepção e adaptação de teorias linguísticas em estudos de Fonética e Fonológica realizados no Brasil

Karina Gonçalves de Souza de Oliveira (USP – CEDOCH)

Este projeto de doutorado propõe o estudo historiográfico sistemático de como teorias fonológicas tiveram recepção no Brasil (especificamente a Fonologia Estruturalista e a Fonologia Gerativista), ao longo da segunda metade do século XX. Em face da conhecida multiplicidade de modelos disponíveis para os estudos da Fonética e da Fonologia, nosso objetivo é verificar como essas correntes teóricas e metodológicas chegaram ao Brasil, por quem elas foram adotadas, em que instituições, quais foram os seus caminhos (longos, breves; de ampla abrangência, restritos a determinados círculos; em versões “originais”, “adaptadas”, “mescladas”), principalmente nos cursos de Fonética e Fonologia no ensino superior. Para entender esses processos, lançaremos mão do conceito de ‘capas’ do conhecimento linguístico, de Pierre Swiggers (2005). O autor propõe que existam ao menos quatro ‘capas’ (ou dimensões) em todo conhecimento linguístico formalizado: a teórica (que inclui elementos como visão global de linguagem e concepção de tarefas das disciplinas responsáveis por seu estudo), a técnica (que envolve técnica de análise e métodos de apresentação dos dados), a documental (relativa à documentação linguística utilizada, como número de línguas, tipos de fontes e de dados) e a contextual/institucional (contexto biográfico, sociocultural e institucional). Estamos realizando uma seleção preliminar de agentes destacados nos estudos da Fonética e da Fonologia no Brasil, e nos propomos a analisar a produção intelectual desses pesquisadores (dissertações e teses produzidas e orientadas; publicações (inclusive material didático e de divulgação); programas de cursos ministrados), com vistas a, considerados os seus contextos de produção de conhecimento, chegar a uma compreensão global dos percursos históricos dos estudos do plano da expressão no Brasil.

Palavras-chave: Fonética, fonologia, século XX, historiografia linguística

Cacófatos, ecos, hiatos e colisões na polêmica sobre o primeiro Código Civil brasileiro

Luísa Haddad Labello (Unicamp)

O objetivo do trabalho é analisar o modo como os cacófatos, os ecos, as colisões e os hiatos, considerados pelos gramáticos como vícios de linguagem, são abordados na polêmica em torno da elaboração do primeiro Código Civil brasileiro. Do ponto de vista linguístico, os textos envolvidos nessa polêmica abordam diferentes áreas do funcionamento da linguagem: do textual ao ortográfico, passando por aspectos semânticos e lexicais (Pagotto, 2011). Alguns desses tópicos já foram objetos de estudos de pesquisadores que se dedicam à história dos estudos linguísticos no Brasil. Entretanto, há um tópico bastante recorrente nos textos da polêmica que foi pouco estudado e que este trabalho se propõe a analisar: os vícios de linguagem relacionados à pronúncia. Assim, primeiramente, foi realizada a leitura de textos relacionados ao processo de normatização do português do Brasil, logo depois, foram examinadas gramáticas da Língua Portuguesa, compreendendo o período que vai do século XVI ao século XX para verificar como os gramáticos lidavam, e se lidavam, com os quatro vícios de linguagem estudados. Ademais, foi realizado um levantamento detalhado dos cacófatos, ecos, hiatos e colisões nos seguintes textos da polêmica: Parecer sobre a Redação do Código Civil, a Réplica e Anexos à Réplica. A polêmica, que envolveu grandes personagens da época, como Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro, pode ser considerada o exemplo máximo da crise normativa que se instalou no Brasil a partir da segunda metade do século XIX (cf. Pagotto, 2011). Como destaca Pagotto (2011), essa crise normativa é decorrente da tomada de consciência, por parte dos brasileiros letrados da época, de que havia novos padrões, e que eles se chocavam com a tradição do português clássico. Assim, vemos a elaboração gramatical a partir de Auroux (1992) juntamente com autores que estudam processo de normatização do Português do Brasil, como Pagotto (2011).

Palavras-chave: Português do Brasil; História; Vícios de linguagem

Bechara leitor de Jespersen e Coseriu: um olhar sobre as noções de correção e exemplaridade

Matheus Bezerra de Azevedo (USP)

Na gramaticografia brasileira, é inegável a importância da figura de Evanildo Cavalcante Bechara (1928-). Sob o signo da filologia, Bechara buscou conciliar as prescrições de tendência mais conservadora com as novidades da ciência linguística, sobretudo de viés estrutural. Nesse cenário, inscreve-se a “Moderna Gramática Portuguesa”, trazida a lume pela primeira vez em 1961 e com uma ruptura visível na trigésima sétima edição, publicada em 1999. Nela, o autor associa o erro na gramática (por ele chamado de correção/incorreção) ao nível histórico da língua, ligando-o à questão do que é impossível de ser produzido ou compreendido por qualquer membro da comunidade, assemelhando-se à ideia da agramaticalidade da Linguística Gerativa. O uso recomendado pelo autor é o chamado exemplar”, segundo o costume dos melhores autores do vernáculo. O objetivo deste trabalho é construir um horizonte de Retrospecção, conforme proposto em Aurox (1992). O linguista valeu-se dos estudos de Adolf Noreen (1854-1925), com a formulação dos critérios histórico-literário, histórico-natural, e racional, estendidos por Jespersen (1925) nos critérios da autoridade, geográfico, literário, aristocrático, democrático, lógico e estético, fazendo acomodações quanto ao sistema de Coseriu (1973), com os saberes elocutivo (universal), idiomático (histórico) e expressivo (individual) (BECHARA, 2003). No nível universal, o uso pode ser congruente ou incongruente; no histórico, correto ou incorreto; no individual, adequado ou inadequado. Os gramáticos brasileiros fazem apenas distinção entre norma e uso, não estabelecendo diferenças mais refinadas entre os tipos de forma linguística fora do padrão e a que finalidades eles servem. Dessa forma, o trabalho de Bechara toma um outro direcionamento, ao voltar as atenções para aspectos da variação linguística, rompendo com a tradição dos estudiosos de sua época, até mesmo os de formação parecida, com viés linguístico, como Carlos Henrique da Rocha Lima (1915-1991) e Celso Ferreira da Cunha (1917-1989).

Palavras-chave: Correção. Exemplaridade. Evanildo Bechara. Horizonte de Retrospecção.

Ideologia e conflito no português do Brasil (1916-1950): uma proposta de estudo

Maurício Silva (Universidade Nove de Julho – SP)

A questão da língua portuguesa no Brasil foi, desde sempre, bastante controversa, dando ensejo a teorias e querelas de toda sorte. Ao longo da historiografia linguístico-gramatical brasileira, é possível acompanhar de perto a trajetória dos estudos voltados ora para a afirmação do português brasileiro como uma variante distinta do português europeu, ora para a tentativa de evidenciar aspectos linguageiros responsáveis por tornar ambos os falares (brasileiro e lusitano) um mesmo e único registro, os quais apresentariam apenas pequenas diferenças circunstanciais. Especialmente na primeira metade do século XX, esse conflito instaura-se de modo particularmente agudo, ecoando um espectro ideológico que, embora bastante diverso, ramifica-se e estabiliza-se nas duas tendências acima citadas. Neste trabalho, apresentamos uma proposta de estudo em que buscaremos analisar obras e autores que, de modo geral, dedicaram-se à discussão acerca do português do Brasil, tratando de seus diversos aspectos estruturais (fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos etc.) e de seu uso nos limites do território nacional, adotando, para tanto, perspectivas igualmente variadas (históricas, sociológicas, linguísticas etc.). Nesse sentido, pode-se dizer que são de, pelo menos, três ordens os estudos que se produziram, no período assinalado, sobre o tema proposto: as abordagens regionalistas, que procuraram redimensionar o uso da língua portuguesa no Brasil a partir das contribuições genericamente denominadas de "brasileirismos"; as abordagens relacionadas aos aportes morfossintáticos no português do Brasil; as abordagens genéricas, que, dedicadas ao estudo do "português brasileiro", trataram de seus mais diversos aspectos, sob perspectivas distintas e, quase sempre, a partir de um conflito ideológico que se institui como categoria indutora das discussões travadas entre tendências pró-lusitanista e antilusitanista. É exatamente este último grupo que nos interessa aqui apresentar.

Palavras-chave: Língua portuguesa; ideologia; conflito; nacionalismo

Concepção de (im)polidez nas gramáticas da língua japonesa elaboradas por estrangeiros do século XVI ao XIX

Olivia Yumi Nakaema (USP – CEDOCH)

Com o objetivo de analisar o tratamento dado à (im)polidez (o termo “(im)polidez” abrange tanto a polidez e quanto a impolidez) nas gramáticas da língua japonesa escritas por autores estrangeiros do século XVI ao XIX, utilizam-se as capas de conhecimento que compõem uma atividade científica proposta por Swiggers (2005 [2004]). Mais precisamente, neste trabalho, será investigada a capa teórica, que segundo o autor, “corresponde à visão global da linguagem, à concepção das tarefas e do status da linguística” (tradução nossa). Por meio dessa metodologia de análise, tem-se como objetivo o estudo da concepção de (im)polidez nas gramáticas da língua japonesa dos seguintes autores (datas de publicação entre parênteses): Rodrigues (1603-4 e 1620), Oyanguren (1738), Landresse (1825), Brown (1863-4), Hoffmann (1868), Satow (1873 e 1875), Aston (1869 e 1872) e Chamberlain (1889 [1888]). Observa-se que o tratamento da (im)polidez é um fenômeno linguístico importante a ser analisado nas gramáticas escritas por estrangeiros, por revelar o choque da visão de mundo do autor ao estudar uma língua distinta da sua materna. A partir dessa análise, pode-se concluir que a concepção de (im)polidez se dá de acordo com dois posicionamentos: particularidade e universalidade da língua. Ou seja, há uma tendência em considerar que a (im)polidez da língua japonesa, em comparação com outras, seja algo particular do japonês, com características diferentes de outras línguas, ou seja algo universal, com características comuns a outras. Desse modo, aqui se pretende apresentar qual dos dois posicionamentos está presente nas gramáticas investigadas.

Palavras-chave: Polidez; língua japonesa; gramáticas

As obras de A. J. Greimas e o conceito de sensível pelo viés da historiografia linguística

Patrícia Verônica Moreira (Unesp – Assis)

Apresentaremos neste trabalho a emergência do conceito de “sensível” ao longo da obra do precursor da semiótica do discurso, A. J. Greimas, e, conseqüentemente, sua permanência nos estudos semióticos pela perspectiva historiográfica. Seleccionamos como recorte para esta análise os seguintes textos: “L’actualité du sassurisme”, publicado em 1956; *Sémantique structurale*, publicado em 1966; *Du sens*, publicado em 1970; *Maupassant: la sémiotique du texte. Exercices pratiques*, publicado em 1976; *Du Sens II*, publicado em 1983 ; *De l’imperfection*, publicado em 1987, e, finalmente, *Sémiotique des passions. Des états des choses aux états d’âme*, publicado em coautoria com J. Fontanille, em 1991. Destacamos nesses textos a presença fenomenológica e os seus conceitos, considerados neste recorte como hipônimos que circunscrevem o “sensível”, ou seja, o hiperônimo da análise, tais como corpo (proprioceptividade, exteroceptividade e interoceptividade) e campo de presença (visada e apreensão). Recuperamos a espessura teórica desses trabalhos pelo viés dos princípios historiográficos de contextualização, imanência, adequação e influência de K. Koerner (1996, 2014). Utilizamos também, sob esse viés historiográfico, os parâmetros de cobertura, perspectiva e profundidade e os tipos de componentes heurístico, hermenêutico e reconstrução-sistemática de P. Swiggers (2009; 2015). Tendo em vista esses parâmetros e procedimentos, abordamos como se deu a emergência e a permanência da noção de sensível nas obras de A. J. Greimas, objetivando resgatar não apenas a continuidade do termo, mas também averiguar as ditas rupturas da teoria, por exemplo, a que se instaurou a partir da virada fenomenológica com a publicação do *De l’imperfection* (1987).

Palavras-chave: Historiografia linguística, Semiótica, Sensível, A. J. Greimas

A colocação pronominal é tema fecundo nos estudos linguísticos (MARTINS, 2011; GALVES et al., 2005, 2006; PAIXÃO DE SOUSA, 2004). Pesquisas linguísticas a partir de *corpora* passados, como os manuscritos oficiais da capitania de São Paulo no governo do Morgado de Mateus (1765 a 1775), devem pautar-se em propostas mais abrangentes, como a Historiografia Linguística (HL). Tal abordagem permite reconhecer que as ocorrências de ênclise não seguiam o mesmo padrão nos manuscritos produzidos pela Secretaria de governo e nos grafados por funcionários de patentes inferiores. Embora ambos reproduzam os modelos linguísticos apregoados no período e formatados pela espécie documental do “ofício”, encontram-se mais ênclises nos redigidos por “mãos menos hábeis”, segundo as classificações de Marquilhas (2001) e Monte (2015). Para esse tipo de análise, é indispensável a assunção da amplitude interdisciplinar prevista pela HL, com vistas à interpretação do homem e do passado a partir dos dados registrados nos documentos. Nesse sentido, por não se entender a língua como um sistema fechado em si, mas determinada e determinante de fatores sócio-histórico-culturais, não se resumem às análises à materialidade linguística do documento: extrapola-se para o conhecimento histórico e social. De acordo com o “princípio da contextualização” proposto por Koerner (1996), consideram-se as concepções linguísticas, socioeconômicas e políticas coevas. Evitam-se análises anacrônicas pelo “princípio da imanência”, considerando-se as concepções linguísticas em voga no período. Fundamentando-se na “metalinguagem” (KOERNER, 1996, p. 30), adotam-se gramáticas de Argote (1725) e Lobato (1770); manuais de Figueiredo (1722) e Freire (1746) e cartas de Verney (1746). Dada a ausência de prescrição coeva sobre colocação pronominal, emprega-se o “princípio da adequação teórica”, com a observação dos dados por vieses contemporâneos de análise, o que revela o predomínio da próclise como padrão canônico, em detrimento ênclise, mais empregada por autores de esferas sociais menos prestigiadas.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; clíticos pronominais; manuscritos setecentistas.

Uma análise historiográfica de dados linguísticos do espanhol nas obras de Nascentes (1920), Pozo y Pozo (1943) e Becker (1945)

Stela Maris Detregiacchi Gabriel Danna (USP – CEDOCH)

Esta comunicação, que está vinculada a nossa pesquisa de doutorado, tem por objetivo verificar mudanças e continuidades na capa documental de três obras gramaticais do espanhol - a saber: a *Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros* (1920), de Antenor Nascentes; a *Gramática española* (1943), de Adolfo Pozo y Pozo; e o *Manual de español* (1945?), de Idel Becker – dando foco, especialmente, à análise dos dados linguísticos apresentados nelas. Como sabemos, a obra de Nascentes (1920) é a primeira gramática da língua espanhola publicada no Brasil e foi produzida para um contexto bastante específico: o ensino desta língua no Colégio Pedro II (BRASIL, 1919). Por sua vez, as obras de Pozo y Pozo (1943) e Becker (1945?) se inserem em um contexto de inclusão do espanhol na grade curricular do ensino secundário brasileiro (BRASIL, 1942), diferindo-se em um aspecto: a obra de Becker (1945?) é posterior à Reforma Capanema, que orientou o conteúdo das aulas de espanhol e, consequentemente, o tratamento dado ao espanhol nas obras gramaticais, que visavam também ao público escolar. Baseando-nos em Swiggers (2014), segundo o qual uma melhor compreensão de mudanças do tratamento linguístico em determinado momento exigiria considerar a existência de quatro capas - (i) teórica; (ii) técnica; (iii) contextual; (iv) documental – que não se desenvolveriam necessariamente no mesmo ritmo ou do mesmo modo, encontramos nos dados linguísticos (pertencentes à capa documental) alguns indícios de mudanças e continuidades do tratamento dado ao espanhol nestas obras. Para tanto, iremos apresentar uma análise comparativa do número e tipologia desses dados (classificados em três categorias: [i] provindos de textos literários; [ii] relacionados à fala cotidiana; [iii] gerados pelo conhecimento do autor), o que parece nos auxiliar a compreender melhor o processo de formação de uma gramaticografia de língua espanhola no Brasil.

Palavras-chave: Gramáticas; língua espanhola; dados linguísticos

Silva Neto (1950) e sua Teoria de Contato: uma análise do conceito de semicrioulo

Wellington Santos da Silva (USP)

A problemática do contato tem sido considerada aspecto central para o entendimento da formação histórica do português brasileiro (PB) em muitos trabalhos da Linguística contemporânea. Em geral, os estudiosos que partem do pressuposto de que o contato do português com línguas indígenas e africanas teria levado à emergência de especificidades no PB sustentam uma retórica de ruptura em relação às investigações linguísticas produzidas nos anos que lhes antecederam (cf. MATTOS E SILVA, 2004; LUCCHESI, 2012). Dentre os autores cujas análises são mais debatidas no âmbito da Linguística brasileira contemporânea, está Serafim da Silva Neto, estudioso considerado liderança intelectual e organizacional da Filologia brasileira na primeira metade do século XX (COELHO, 1998) e autor da Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil (1950). Sobre a referida obra, alega-se que o filólogo apresenta uma análise simplista da problemática do contato, por trazer uma visão conservadora da vitória da língua portuguesa no Brasil. Entretanto, neste trabalho, partindo de conceitos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística – sobretudo o conceito de tradição (ALONSO, 2012) –, propomos uma análise alternativa para o tratamento da problemática do contato em Silva Neto (1950). Nosso principal objetivo consiste em mostrar que, não obstante o filólogo procure atenuar a influência das línguas indígenas e africanas sobre o PB, ele apresenta uma teoria de contato, fundamentada, sobretudo, nos diálogos e vínculos estilísticos (FLECK, 2010) estabelecidos com outras áreas do conhecimento, tais como algumas teorias historiográficas e as Ciências Sociais hegemônicas no contexto de produção da sua obra. Neste sentido, apresentamos uma análise do conceito de semicrioulo, formulado no interior da obra do filólogo e que pode ser considerado como uma noção representativa de sua teoria de contato.

Palavras-chave: Contato; Semicrioulo; Tradição; Historiografia Linguística